Da decomposição biológica à ética da alteridade

From biological decomposition to the ethics of alterity

Joelson Gusson[1]

Resumo

O ensaio propõe uma reflexão interdisciplinar sobre uma suposta trajetória sociológico-mitológica dos três Reinos Biológicos (Domínio *Eukarya*), destacando o Reino *Fungi* como agente ecológico essencial em contrapartida ao antropocentrismo. Através de uma perspectiva ensaística que mescla mitologia e filosofia, os fungos são definidos como anti-heróis que operam em rede, conectando a decomposição biológica à ética da alteridade.

Palavras-chave: Reino *Fungi*; Eros Primordial; Antropocentrismo; Decomposição; Interdisciplinaridade.

Abstract

The essay proposes an interdisciplinary reflection on a supposed sociological-mythological trajectory of the three Biological Kingdoms (Domain *Eukarya*), highlighting the Kingdom Fungi as an essential ecological agent in opposition to anthropocentrism. Through an essayistic perspective that merges mythology and philosophy, fungi are defined as anti-heroes operating in networks, connecting biological decomposition to the ethics of alterity.

Keywords: Kingdom Fungi; Primordial Eros; Anthropocentrism; Decomposition; Interdisciplinarity.

[1] Doutorando e mestre em Artes da Cena PPGAC-ECO-UFRJ. Formado em Teoria do Teatro pela Unirio. Ator, diretor, produtor, cenógrafo e dramaturgo. Indicado aos Prêmios Shell de Melhor Ator por *TRAN_SE* (2016) e Melhor Cenário por *As horas entre nós* (2013). Foi Diretor Artístico do Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (2010/19), idealizador e curador da Mostra Entre_LUGARES e do Festival Dois Pontos. Foi jurado do prêmio Total Theatre Awards dos Festivais de Edimburgo entre 2013 e 2015. Desde 2013 é colaborador da revista de crítica inglesa Total Theatre Magazine. E-mail: joelsongusson@gmail.com.

Esta é uma história de reinos e reinados imensos, eternos e imemoriais. Ela se iniciou há bilhões de anos quando as substâncias primordiais começaram, enfim, a unir-se de uma forma especial. Eletrocutadas, incineradas, congeladas, vulcanizadas, afogadas nesse caldo-cola-seminal-pré-todas as coisas, em meio às rochas — incandescentes ou não, duras ou não, que iam do magma ao basalto, do talco ao diamante — formaram-se os grandes reinos e reinados. Tais reinos, que se estabeleceram de forma simbiótica e, ao mesmo tempo, bélica, hoje povoam esse planetinha que gira e rodopia, feito patinadora bêbada, nos confins de uma pequena galáxia "desimportante", como diria Cazuza, e que alguns que nela habitam chamam pelo singelo nome de Via Láctea. A Estrada Leitosa, que vista no céu parece mesmo indicar algum caminho que levará ao fim de uma espetacular e incalculável gozada sem propósito, perdida na imensa imensidão do Universo por alguns conhecido.

É certo — ou talvez não, a depender da crença de cada um — que nada disso teria sido possível sem a força de um tal Eros (também) Primordial; Eros, o Velho, aquele que surge do Caos junto com Gaia (a Terra) e Tártaro (as profundezas mais profundas). Sem forma física, esse Eros é o responsável por unir os elementos e permitir a criação do universo, sendo ele mesmo a força de procriação e atração essencial para a existência da vida. Esse Eros é frequentemente confundido com um outro: Eros, filho de Afrodite, o deus travesso do amor e do desejo, criança mimada com suas flechinhas de ouro embebidas no mel e de chumbo mergulhadas no fel, que brinca com as paixões dessa insignificante espécie que o inventou e que orgulhosamente se autodenomina Humana.

Não, falamos aqui do Eros que nasce junto com o próprio Universo, deus primevo invencível, responsável pelas forças que unem todas as substâncias e que um dia já respondeu pelo nome de "Amor". Essa dúvida a respeito da essência desse Eros Amor/Paixão/Desejo não surge de uma ignorância contemporânea aos viventes no momento em que este texto é escrito. Vemos claramente esse duplo entendimento sobre Eros e sua natureza na discussão de *O banquete*, de Platão, quando os convivas fazem suas elegias ao amor (Eros). Nele, Fedro defende: "Devemos honrá-lo e louvá-lo como a um dos mais velhos deuses, e a prova disso é que Eros não teve pai nem mãe, e que não lhe atribuem progenitores nenhum prosador…" (Platão, 2001, p. 102). Ao que replica Agáton: "Sustento, ao contrário, que Eros é o mais jovem dos deuses, e que sua juventude é

eterna... Dotado de uma eterna mocidade, foge de tudo que é feio e velho" (Platão, 2001, p. 130).

Infelizmente, ou não, a cada rodopio universal, esse Eros Primordial cai mais e mais no esquecimento ignorante dessa mísera humanidade insignificante, que nada mais é do que apenas uma das milhões de espécies — extintas, reinantes ou por vir — dentro desse imenso reino chamado *Animalia*.

Como todos os reinos e reinados em seu auge, sempre grandiosos e empoderados, os nossos, em "luta" eterna aqui, comendo-se e carcomendo-se uns aos outros, também buscam incessantemente pela figura de um herói. Ou melhor, de um Herói com letra maiúscula, que venha em seu cavalo branco, preto ou malhado para dominar, ou para salvar alguém ou algo de um outro alguém ou outro algo — pouco importando quem seja ou o que seja —, desde que o Herói fique eternizado como o Grande Provedor ou Salvador de sabe-se lá o quê. Não importa que ele seja um dinossauro, um crocodilo, uma sequoia, um chimpanzé ou um recife de corais. Não importa.

Porém, aqui, nossa história talvez ganhe outros contornos, pois, nesse reino do qual iremos falar agora, não temos um herói; e, se algo assim existisse, estaria muito longe de vir a cavalo ou de fazer parte de algum dos grandes reinos prepotentes que dominam esse mundo tão pequeno. Nosso anti-herói, por assim dizer, é minúsculo, por vezes dono de uma força capaz de quebrar todas as outras criaturas e substâncias apenas usando essa ferramenta poderosíssima chamada paciência. E, apesar de tudo isso — e talvez mesmo por conta de tudo isso —, esse nosso anti-herói, ultimamente, tem tentado lançar novas luzes sobre o seu papel e tem continuado a trabalhar em escala 7x7, 24 horas por dia, faça chuva ou faça sol, em todos os lugares onde consegue chegar.

Ele pode ser visto ou tornar-se invisível, comer e ser comido; vem em todas as formas e tamanhos, cores e iridiscências, e invariavelmente aparece sem ser convidado, como o deus Dionísio, que se infiltra no Olimpo tomando o lugar de Héstia, simplesmente por contaminar a todos com sua animação festiva e sua pansexualidade insinuante, e irresistível. Depois que libera sua força, nosso anti-herói, assim como Dionísio, a tudo toca e até mesmo contamina, como o pó de arroz que se esparrama pelo quarto quando o pote é aberto de forma inadequada.

O maior constrangimento desse reino supostamente sem heróis, mas repleto de anti-heróis, talvez tenha sido, até então, o de não conseguir encontrar o seu suposto "lugar de

fala" — essa expressão tão comum nos dias de hoje, a ele tantas vezes negada por não fazer parte dos reinos visíveis ou admiráveis: o Grande Reino Vegetal (*Plantae*), composto por organismos pluricelulares e, em sua maioria, fotossintetizantes, que produzem seu próprio alimento; e o Grande Reino Animal (*Animalia*), com seus organismos pluricelulares que não produzem o próprio alimento, obtendo-o por ingestão.

Quando lhe é dado esse tal "lugar de fala", geralmente isso é feito através de apelidos jocosos e até mesmo ofensivos. Seus nomes reais e diferenciados, como quitrídeos, zigomicetos, glomeromicetos, ascomicetos e basidiomicetos, são conhecidos apenas por um minúsculo grupo de humanos espertos chamados cientistas. No dia a dia, os fungos — esses organismos essenciais que compõem esse reino obscuro e ignorado, o dos *Fungi* ou Reino *Fungi* — são chamados mesmo é de mofo e bolor. (O Reino *Fungi*, ou Reino dos Fungos, compreende organismos que podem ser unicelulares, como as leveduras, ou pluricelulares, como cogumelos e bolores. Antigamente classificados como plantas, os fungos hoje formam um reino próprio por se alimentarem por absorção e não realizarem fotossíntese).

Nossos anti-heróis — corresponsáveis pela incrível tarefa de fazer voltar ao pó quem ou o que um dia dele veio —, interligados em sua teia micelar multicamadas que recobre toda a Terra habitável, comunicam-se, conversam e trocam informações importantíssimas sobre a vida e seu fim, sobre a ética que se há de respeitar para entender a finitude de todas as coisas. E, assim, esse imenso organismo-reino segue sua existência como um enorme cérebro, muito mais potente que qualquer inteligência artificial que venha a ser inventada, e que nem mesmo a *Skynet* jamais suplantará. (A *Skynet*, para quem não sabe ou não se recorda, é a inteligência artificial maligna da franquia de filmes americanos *O exterminador do futuro*. Criada para a defesa dos humanos, ela se torna autoconsciente, vê a humanidade como ameaça e desencadeia o holocausto nuclear para exterminá-la. Com seu exército de máquinas, lidera ainda uma guerra contra os sobreviventes humanos e usa viagens no tempo para garantir sua própria criação).

Esse imenso cérebro espraiado mundo afora, e que a tudo percebe, certa feita aprendeu algo ao embolorar um livro esquecido e umedecido de maresia, numa prateleira de um apartamento qualquer na Rua Raul Pompéia, em Copacabana, no Rio de Janeiro — bem ali em cima do que um dia foi a boate *gay* Le Boy, onde derramava seu glamour a maravilhosa *drag queen* Isabelita dos Patins, e tantas outras. Desse livro, agora coberto de

bolor, o Reino *Fungi* apreendeu o que logo se espalhou por todo o planeta a respeito de um pensamento contido no finalzinho de um antigo texto chamado "Relato crítico de Foucault sobre si":

> Talvez seja ainda mais importante reconhecer que a ética requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de nos tornarmos humanos. Sermos desfeitos pelo outro é uma necessidade primária, uma angústia, sem dúvida, mas também uma oportunidade de sermos interpelados, reivindicados, vinculados ao que não somos, mas também de sermos movidos, impelidos a agir… (Butler, 2017. p. 105).

Apesar de não serem nada parecidos com essa pequena espécie humana que esse pensamento inventou, o mero conhecimento dessas palavras perpassou, em poucos dias, toda a rede micelar planetária. Então, num determinado momento, o desprezado Reino *Fungi* atingiu mais uma iluminação e disse a si mesmo:

> Talvez devêssemos repensar essa discussão sobre o 'lugar de fala' que tanto queremos encontrar. Pois este pode ser também, por simetria, o 'lugar de não fala'. Afinal, se somente nós e nossos iguais — e ninguém mais — podemos falar do nosso lugar, todos os outros têm que calar e apenas ouvir as falas empoderadas que nós, do nosso 'lugar de fala', falamos. Por essa ótica, quando falamos, nós também fazemos calar, e aí perde-se irremediavelmente a tão necessária 'ética relacional'. Como nosso obscuro reino acabou de aprender com esse tal de Foucault, a ética requer que nos arrisquemos no desconhecido, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós. A ética requer a conversa entre a diferença, coisa um pouco distante das defesas ferrenhas dos lugares de empoderamento heroico.

Um outro grupo de fungos emboloradores de trabalhos acadêmicos, que também vivia no Brasil, acorreu para corroborar tal discurso, pois já estava apreendendo as falas de uma outra filósofa, injustamente cancelada após um discurso no mesmo sentido. Como disse Maria Rita Kehl em seu artigo "Lugar de 'cale-se'!":

> O que seria da democracia se cada um de nós só fosse autorizado a se expressar em relação a temas concernentes a sua experiência pessoal? O que seria do debate público? Cada um na sua casinha…? O que seria da solidariedade, essa atitude baseada na identificação com o nosso semelhante na diferença, se só conseguíssemos nos solidarizar com quem vive as mesmas experiências que nós?… Meu 'lugar de fala' é aquele de quem se identifica com a dor dos outros. Mas também é o de quem se permite criticar atitudes preconceituosas ou injustas, venham de onde vierem. Embora seja importante reconhecer a dignidade da condição de

> quem é vítima de alguma opressão – econômica, racial, sexual – não há motivos para acreditar que os oprimidos sejam santos (Kehl, 2020).

Entendido isso ouviu-se…

…surdamente…

…um estremecer planetário.

Era o Reino *Fungi* que gritava:

"Estamos libertos!"

E exultaram os fungos mundo afora.

Sem mais ter que sucumbir à pressão de encontrar o seu "lugar de fala", de empoderamento ou de visibilidade, o Reino *Fungi* acalmou-se um pouco, e lentamente, essa calmaria espraiava-se pelos subterrâneos, onde os sabidos *Fungi* explicavam suas novas descobertas. Primeiro, para as raízes das *Plantae*, na esperança de que essas percepções éticas atingissem a iluminadora fotossíntese; daí, entrando pelos intestinos dos *Animalia* herbívoros, quiçá chegando aos *Animalia* carnívoros e atingindo um dia, quem sabe, os humanos que ainda não tivessem lido esse tal de Foucault ou essa tal de Maria Rita Kehl.

Mas, como a ansiedade é a palavra em voga, alguns fungos mais afoitos ainda não conseguiam desfrutar dessa bela calmaria foucaultiana/kehliana. Os mais destemperados continuavam sendo os *Leucoagaricus gongylophorus* — que daqui em diante serão chamados apenas de *Leucoagaricus* —, da família *Agaricaceae*. Os *Leucoagaricus* mantém uma das relações de mutualismo mais emblemáticas da biologia, em simbiose com as formigas-cortadeiras da tribo *Attini* (subfamília *Myrmicinae*). Eles as controlam e, de certa forma, as escravizam. Já as formigas-cortadeiras por sua vez, pensam que são agricultoras e que estão cultivando os *Leucoagaricus*. Nessa relação simbionte, elas comem seus minúsculos cogumelos sem saber que estes não são plantas, mas sim parte do obscuro Reino dos *Fungi*, que a tudo devoram — inclusive a elas mesmas, as trabalhadoras formigas.

Não contentes ainda com a última iluminação atingida por via filosófica parisiense/paulistana, os *Leucoagaricus* começaram a controlar algumas formigas para que estas levassem mensagens a outros fungos do grande organismo micelar planetário. Essa imensa empreitada buscava encontrar um novo conceito que os fizesse entender melhor a sua existência simbiótica com as formigas: suas pernas e olhos no mundo superior, suas escravas e, ao mesmo tempo, suas provedoras de alimento e energia.

E, com a rapidez das fibras ópticas ou dos satélites de transmissão, um fungo longínquo que havia se especializado em decompor — pasmem (!) — microchips de computadores acenou com um novo entendimento. Afinal, existem fungos reconhecidos pela literatura científica que detêm a capacidade de biodegradar diversos tipos de plásticos, secretando enzimas que conseguem quebrar as longas cadeias de polímeros em moléculas menores, as quais podem absorver como fonte de carbono. Nosso correspondente distante, que responde pelo sugestivo nome de *Aspergillus brasiliensis*, trouxe uma nova perspectiva.

Acontece que uma senhora residente em Santa Mônica, na Califórnia, havia pensado e escrito em seu *laptop* sobre um novo conceito que ajudaria os *Leucoagaricus* a acalmarem seus ânimos. Tal conceito se fortalece na palavra inventada "coconstituição", criada por essa filósofa chamada Donna Haraway, fascinada pela tecnologia, pelas articulações SF e pela linguagem multiespécie. Na tradução brasileira de seu artigo "Manifesto das Espécies Companheiras", o também filósofo Fernando Silva e Silva escreve, em seu posfácio intitulado "Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre":

> …o encontro com a alteridade não precisa ser pensado nos moldes de um choque com um Outro, enorme e metafórico – um não-eu –, mas com um outro significativo cuja trajetória de vida, recente e em sua história profunda, coconstitui o mundo atual, as fronteiras entre espécies, as demarcações entre escalas de tempo e espaço (Silva, 2021, p. 96).

Ou como diria Judith Butler…

> A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do Outro. Isto implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente (Butler, 2015, p. 31).

Diante de tamanho e tão claro conhecimento foucaultiano/kehliano/harawayano/butleriano/parisiense/paulistano/californiano, enfim, a grande família dos *Leucoagaricus* poderia chegar a alguma tranquilidade, amainar seus ânimos inquietos e continuar sua linda simbiose com as formigas da tribo *Attini*. Enfim, depois de milênios de pseudoescravização mútua, tendo que lidar com esse Outro tão diferente de si mesmo, esse grande organismo subterrâneo encontraria a paz na sabedoria e no conhecimento — sem heroísmos, a não ser o daqueles cujo labor foi o de

codificar esse saber agora partilhado e entendido pelos *Leucoagaricus*. Enfim, a totalidade do grande e importante reino, por tanto tempo confundido com o reino das plantas, subjugado e inferiorizado, poderia entender sua importância sem ter que afirmar-se em "lugares de fala" ou empoderar-se da diferença. Afinal, tudo o que um dia restar da vida e da ética, do mundo e dos mundos, será finalizado e retornado ao seu estado mineral de substância atômica e indivisível pelos seres do Reino *Fungi*, aquele que devolve ao pó o que do pó um dia veio.

Quase que imediatamente ao atingir todo esse conhecimento, viram-se formigas-cortadeiras, carregadas de mensagens de regozijo, percorrendo grandes distâncias para levar a boa-nova a todos os *Leucoagaricus* do mundo. No caminho, estas também aproveitavam para animar outras famílias de fungos com sua mensagem transformadora. Como as distâncias eram muito grandes e a impetuosidade das formigas, imbatível, muitas morreram no percurso e foram decompostas pelos fungos dessa função; mas a morte do mensageiro não matou a mensagem, codificada na linguagem universal fúngica que novamente atingia o manto micelar. E assim, de sinapse em sinapse, novas ondas de regozijo aconteciam e tornavam-se cada vez mais potentes, pois foram sendo aditivadas pela psilocibina liberada pelos cogumelos mágicos mundo afora, fazendo com que, onde tocassem, gerassem um transe de alegria e alucinação, finalmente acalmando os rebeldes *Leucoagaricus*. Esse imenso transe mundial quase os fez atingir o Nirvana — caso os fungos terráqueos soubessem de sua utópica existência.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referências específicas deste texto

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CAMPBELL, Neil A. *et al*. **Biologia de Campbell**. Tradução de Anne D. Villela *et al*. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

ESPOSITO, Elisa; AZEVEDO, João Lúcio de (Org.). **Fungos**: uma introdução à biologia, bioquímica e biotecnologia. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

KEHL, Maria Rita. Lugar de "cale-se"! **Revista Combate Racismo Ambiental**, São Paulo, ago. 2020. Disponível em: https://racismoambiental.net.br/2020/08/11/lugar-de-cale-se-por-maria-rita-kehl/. Acesso em: 03 jan. 2025.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SILVA E SILVA, Fernando. Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre. *In*: HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Submetido em: 9 mar. 2026
Aprovado em: 7 jul. 2026